

EDITORIAL

Este número da **Phoînix** encerra o ciclo de comemorações tanto do aniversário dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro, festejados no dia 1º de março, quanto dos 20 anos de existência da própria Revista **Phoînix**, comemorados no dia 15 de agosto do presente ano. Em 1995 se deu o lançamento do primeiro número da Revista, um projeto idealizado pela professora Neyde Theml e que o atual grupo do Laboratório de História Antiga (Lhia) da UFRJ se esforça por manter. Assim como grande parte dos membros que compõem o Lhia, os oito artigos publicados neste número se dedicam ao estudo da Antiguidade Clássica: cinco abordam temáticas vinculadas à História Grega, enquanto os outros três, à Romana.

Além de se dedicarem à Antiguidade Clássica, os artigos aqui apresentados têm outro fio condutor que lhes oferece unidade: as argumentações defendidas pelos seus autores foram construídas essencialmente a partir da operacionalização da documentação escrita de diversificados gêneros literários.

O Período Arcaico grego (séculos VIII-VI a.C.) é o recorte trabalhado nos artigos de Alexandre Santos de Moraes e de Ana Iriarte. O primeiro se dedica ao épico, enquanto o segundo artigo se detém no estudo da biografia de Safo de Lesbos. Considerando a noção de experiência, o artigo de Alexandre Moraes analisa sua importância para refletir sobre as ações dos personagens homéricos, especialmente Aquiles, cuja mudança pode ser entendida como resultado de um tipo particular de vivência. Já Ana Iriarte reflete acerca da biografia de Safo de Lesbos, conforme já ressaltamos. A análise não se limita apenas à perspectiva dos reais, mas considera as operações de sobreinterpretação e/ou de ocultamento tramadas na ampla historiografia que se dedica ao tema.

Os próximos artigos sobre Grécia se centram no Período Clássico (séculos V e IV a.C.). Cecília J. Perczyk aborda a poesia trágica de Eurípides, estando o seu interesse focado, mais especificamente, na relação ritual e loucura na tragédia **Héracles**. Analisando a crise da democracia ateniense do final do século V a.C., Julián Gallego propõe construir a sua interpretação a partir do conceito de dessubjetivação. Tal conceito, segundo o autor, permite entender

a perda pelo povo de sua capacidade de decidir, depois de uma situação na qual tinha sido o principal agente político. Já Marta González defende que o **Temístocles** de Plutarco narra um sacrifício humano antes da batalha de Salamina. Esse texto tem sido amplamente estudado pelo ponto de vista histórico e muitos pesquisadores negam a veracidade do episódio. A proposta da autora não entra nesse debate, mas objetiva explicar a ocorrência de um Dioniso Omestés como o receptor do sacrifício. Esse é um fato estranho que não tem recebido explicação, exceto pela atribuição de tal invenção a Fânias, fonte de Plutarco, historiador de Lesbos, onde Dioniso era invocado como Omestés.

Os três artigos que encerram o presente número se dedicam à análise da sociedade romana antiga. A economia romana ganha destaque no artigo de Jean Andreau, que objetiva discutir a existência de mercados abstratos no mundo mediterrâneo à época romana. No artigo, o autor foca o estudo do funcionamento dos mercados abstratos envolvendo três bens de naturezas bem diferentes: o trabalho, o trigo e o crédito; defende que todos os três existiam, mas nenhum deles enquanto mercado unificado.

Relacionando memória e história e efetuando críticas a essa relação, o artigo de Luciane Munhoz de Omena e Suiany Bueno Silva toma como ponto de partida a Fundação de Roma em **Ab Vrbe Condita** de Lívio. As autoras compreendem o conceito de memória como um mecanismo de poder, que implica, em outras palavras, a utilização no presente de imagens sobre o passado. A partir desse suporte analítico, discutem a construção de imagens do passado lendário, entendendo, dessa forma, os dispositivos de consolidação e legitimação dos cidadãos romanos no período de Augusto.

Por fim, o artigo de Anderson Martins Esteves, que parte de uma chave de leitura dos **Anais** de Tácito que evidencia a posição política do autor, para poder entender o retrato de Tibério, bem como dos demais príncipes de sua dinastia, como uma denúncia ao princípio da sucessão hereditária. Para dar conta do conceito de retrato e de caracterização, o artigo discute a ideia de personalidade na literatura antiga e a relação entre natura e mores, presentes tanto na historiografia, quanto na biografia. Finalmente, analisa uma fala de Tibério diante do Senado, de maneira a evidenciar como os discursos podem ser usados como procedimentos de caracterização.

Os Editores